

Eixo Nº4: Como se demonstra, desde as primeiras entrevistas, que a psicanálise não é uma terapêutica como as outras?

**A radicalidade do encontro com um analista. O analista-analisante
frente à contingência do ato**

Coordenadoras: Andréa Reis Santos (EBP) / Ruskaya Maia (EBP)

Integrantes: Anna Rogéria de Oliveira (Goiânia), Cristina Duba (Rio de Janeiro), Cristiane Barreto (Belo Horizonte), Larissa Pinto Martha (Rio de Janeiro), Lourenço Astúa de Moraes (Rio de Janeiro), Karynna M. B. da Nóbrega (Campina Grande), Maira Dominato Rossi (Rio de Janeiro), Maria de Lourdes Mattos (São Paulo), Oscar Reymundo (Florianópolis), Renata Tavares Imperial (Vitória), Ricardo Rezende, Rômulo Ferreira da Silva (São Paulo), Tânia Martins.

Essa pergunta traz em si uma afirmação: a psicanálise não entra na série das psicoterapias, ela se destaca por um discurso e uma ética que lhe são próprios, aquilo que, com Miller, chamamos de *orientação lacaniana*. Mais ainda: essa diferença está presente antes mesmo que uma análise se inicie. Há algo prévio à experiência, no encontro com um analista, que já evidencia, no caráter de descontinuidade com o campo das psicoterapias, a presença dessa orientação. Como demonstrar a radicalidade do encontro com um analista – e não um terapeuta – desde o início?

Não é como as outras...

Tudo o que chegamos a circunscrever e nomear do desejo é um gozo. No lugar do *O que você quer?* Obtemos como resposta *Aqui há gozo*, quer dizer, obtemos uma localização do gozo, articulado em um dispositivo significante¹.

Miller² trabalha a distinção entre psicanálise e psicoterapia em relação aos semblantes. Segundo ele, o psicoterapeuta não só os respeita e preserva, mas até mesmo inventa semblantes que permitem ao sujeito circular tranquilamente na ordem social. Já o dispositivo analítico abala os semblantes em seu percurso em direção ao real. Tal

¹ Miller, J.-A., *Sutilezas analíticas*, Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 144. Tradução nossa.

² *Ibidem*.

perspectiva só se sustenta se a visada do analista não repousar sobre aquilo que lhe chega em forma de história, como um conjunto de significantes que dão sentido àquela experiência, espécie de dossiê de acontecimentos sucessivos. A posta em marcha da associação livre muitas vezes resulta numa produção de sentido que não passa de uma cobertura para o gozo, sua finalidade última.

Lacan qualifica essa vertente dos sentidos de cômica: “que nos fascina na fala [...] que se faz passar por bom senso, [...] tido como senso comum”³. À essa vertente que se apoia na elocubração de sentido, de um bem que pode levar ao pior, ele opõe a vertente do signo, por onde aponta a dignidade da psicanálise. Isso orienta a clínica a deslocar a escuta do sentido rumo à leitura do sintoma, à troca da pergunta “o que isso significa?” pela pergunta “o que isso satisfaz?”. Essa questão dá corpo ao que Miller⁴ define como orientação lacaniana: a orientação para o real.

De que real se trata é o que Lacan nos ensina: “ao nível do sintoma, ainda não é realmente o real, é a manifestação do real ao nosso nível de seres vivos. Enquanto seres vivos, somos roídos, mordidos pelo sintoma, o que significa que, no fim das contas, somos o que somos, estamos doentes, mais nada”⁵. Vieira também nos ajuda a entender “não o real ideal, inefável, místico, silêncio absoluto”⁶, mas o real fora do sentido, uma fórmula que pode se inscrever. Não há saber no real, mas alguma coisa que se encontra e que pode ser agarrada por meio da escrita.

“O que isso satisfaz?” é a bússola que nos orienta na direção de dar nome, mesmo que provisório, para que algo de um gozo impronunciável possa se inscrever e agarrar a singularidade do sintoma. O que procuramos não são os nomes que podem dizer por completo o gozo singular, mas nomes que “comemoram que alguma coisa desse gozo singular passou para o Outro, para a vida do sujeito”⁷.

João envia uma mensagem à analista fazendo uma série de perguntas sobre o que supunha ser um contrato inicial de trabalho. A analista diz: “Venha e vamos falar sobre seu pedido aqui”. Perguntado sobre o que lhe trouxera, diz que os amigos acham que ele precisa. Ele dá algumas voltas, fala da vida profissional e de questões familiares, mas parece que não é por ali que as coisas acontecem. Depois de algumas perguntas, passa a

³ Lacan, J., “Televisão”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 512.

⁴ Miller, J.-A., *El Otro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005.

⁵ Lacan, J., “Conférence de presse du docteur Jacques Lacan au Centre culturel français, Rome, le 29 octobre 1974”, *Lettres de l'École freudienne*, 16, 1975, pp. 6-26. Tradução nossa.

⁶ Vieira, M. A., “O que é a orientação lacaniana hoje?”, *Arquivos de Biblioteca EBP – Seção Rio*, 14, p. 16.

⁷ *Ibid.*, p.17.

falar da vida amorosa. Tem uma relação com uma mulher que faz dele “gato e sapato”. Quando ela lhe concede um momento juntos, é o melhor dos mundos. No entanto, frequentemente, se vê enredado em situações que lhe provocam muito sofrimento. Eles se encontram em lugares públicos e ela não lhe dirige a palavra, desfila na sua frente com outros homens. Ele fica devastado e, quando acha que tudo está perdido, ela se mostra novamente amorosa e disponível para mais um encontro clandestino. Enquanto descreve essas cenas, ainda na primeira entrevista, começa a suar em bicas. A analista lhe diz: “Bom, então é isso! Vamos marcar outra entrevista”. Ele responde: “Sim, mas não esperava nada disso. Vim preparado para outra coisa”.

Esse suor, a analista o lê como índice da dimensão libidinal na fala desse sujeito, aquilo que Laurent descreve com clareza: “No próprio ato de contar e de pôr essa verdade em movimento há a dimensão do gozo. E aí está o terrível paradoxo analítico, ao mesmo tempo em que se entra no campo da verdade, entra-se no campo de um gozo. Isso é indissociável”⁸.

Na vez seguinte, João volta a falar dessas cenas e diz que não sabe como, mas essa mulher faz com que ele esteja “amarrado” a ela. A analista pergunta: “Há quanto tempo você está nessa relação?”. E ele responde: “Há cinco anos”. No tom da surpresa, ela lhe pergunta: “Você está há cinco anos ‘agarrado’ nisso?!”.

Duas entrevistas depois, ele chega contando que encontrou uma amiga dos tempos de infância que não via há anos. Trocaram beijos. Não sabe no que vai dar. Depois de uma pausa de duas semanas, chega dizendo que está “engatando” algo com ela. Não sabe ainda se quer namorar, porque ela é muito disponível e um pouco demandante, mas até ali acha que está sendo muito bom.

Nesse caso, teria sido o encontro com um analista, capaz de “introduzir o paciente numa primeira localização de sua posição no real”⁹? Um primeiro giro – como efeito de algo do gozo que se inscreve no deslocamento entre “amarrado” e “agarrado” – para o que só depois poderia se transformar, ou não, em uma entrada em análise.

Essa vinheta nos ajuda a pensar como um tropeço na chegada permite localizar, no gozo que sustenta o sintoma, a presença do *sinthoma* que se desenha no final, como se o sintoma do início carregasse em si o “caroço” do *sinthoma* que só se colhe no depois.

⁸ Laurent, E., “As entradas em análise”, *Opção Lacaniana*, 12, São Paulo, Eólia, 1995, p. 07.

⁹ Lacan, J., “A direção do tratamento”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 602

A orientação lacaniana é a orientação em direção a um real sem sentido, que pode se inscrever caso se saiba fazer um tanto com ele na situação contingente. É o que Miller¹⁰ define como a constância própria da experiência analítica, a contingência de que o real se inscreva: não só no final, mas desde o início.

... desde o início

[O analista] foi conduzido ao lugar que ocupa justamente pelos caminhos que pretende desobstruir para aquele que tem a seu cargo¹¹.

“Boas-vindas e ato analítico”: é assim que se intitula um trecho da conferência de Miller “Discurso do método psicanalítico”, sobre as entrevistas preliminares. Tal escrita vem realçar sua argumentação sobre a relação, que pode ser imediata, entre o primeiro contato com o paciente e o ato analítico. Segundo ele, aceitar ou recusar alguém que se candidata a paciente, já é um ato analítico: “Essa questão aparece no início de cada experiência analítica, no primeiro encontro, a partir do primeiro minuto, e até mesmo no primeiro telefonema”¹². Desde aí, já está em jogo o ato analítico e a ética da psicanálise. Segundo Lacan, começar uma análise é um ato: “Sem um ato, simplesmente não se pode falar de um começo”¹³. Tocamos, então, numa questão crucial: onde situar o início, qual o ponto zero? “Qual o ponto zero dessa máquina de criar o novo que começa atuando no presente sobre o que concerne à potência do passado?”¹⁴. É esse marco zero o ato que faz existir o inconsciente e, com isso, o par analista-analisante¹⁵?

Haveria, ainda, algo prévio a isso? Apostamos na possibilidade lógica da existência prévia do analista à análise e ao analisante. Não se trata de fazer consistir o analista, mas sim de uma decisão ética. Quem está lá, está em potência, e esse analista em potência é, de fato, o analisado, pois o analista só poderá advir a partir desse lugar de onde teria tratado em si algo desse sem sentido. Assim, a análise do analista é o que coloca em jogo a política do *sinthoma* desde o início. É o que nos diz Lacan: “É imediatamente

¹⁰ Miller, J.-A, *El Otro que no existe*, op. cit.

¹¹ Cottet, S., *Freud e o desejo do psicanalista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, p. 17.

¹² Cottet, S., *Freud e o desejo do psicanalista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, p. 17. 2016, p. 224.

¹³ Lacan, J., *O seminário, livro 15, O ato analítico*, aula de 10 de janeiro de 1968 (inédito).

¹⁴ Mattos, S., “A boa sorte de analisar-se”. <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/a-boa-sorte-de-analisar-se/?portfolioCats=149>. Acesso em: 20/07/2023.

¹⁵ Romildo do Rêgo Barros na I Preparatória do ENAPOL na EBP faz referência ao analista prévio a si mesmo como aquilo que antecede ao par analista-analisante.

claro para onde esse desvio nos leva, para um outro começo, para esse momento de começo em que nos tornamos psicanalistas. Chegamos ao fim uma vez, e é a partir daí que devemos deduzir a relação que ele tem com o início de todos os tempos”¹⁶. Pedro mora em uma região marcada por guerras entre gangues. Está ameaçado de morte. Na primeira entrevista, aparece com pinta de mau, cabelos e vestimentas estilosas, rosto perfurado por *piercings* e várias tatuagens. Dentre outros crimes, havia feito uma tentativa de homicídio “com um tiro à queima roupa”. Sua entrada causa impacto. À pergunta da analista “E, então? Como anda a vida?”, responde com ironia: “Beleza! Melhor impossível”. Endereçando-se à janela do 12º andar, diz: “Bom pra pular”, ao que a analista responde sem titubear: “Para quem quer morrer, sim”, marcando, ainda sob alguma tensão, que era muito curioso alguém responder que a vida não poderia estar melhor examinando um bom lugar para pular fora dela. Pedro a olha impassível, sem nada responder, mas consente em conversar, avisando que não falaria da mãe. Aprendeu que psicólogo adora perguntar sobre a mãe, promover a separação mãe-filho, e jamais abandonará a sua. Com o intuito de introduzir um significante novo, a analista diz ser uma psicanalista. Após uma longa conversa com poucas palavras, Pedro diz ter achado a analista engraçada e estranha por fazer perguntas esquisitas. Afirma não saber se vai cumprir a sentença judicial que o trouxera até ali, pois só confiava em duas pessoas: “Uma sou eu e a segunda ainda não sei quem é”. A analista surpreende até a si mesma quando, rapidamente, se candidata: “Posso ser essa segunda pessoa?”, já que ele havia introduzido uma palavra-chave, a possibilidade de construir o “lugar de confiança”, não fosse isso, nada, ou quase nada, interessaria. Ele sinaliza com um “vou pensar...”.

No segundo encontro, aparece acompanhado com ninguém menos que sua mãe. No terceiro, marcado estrategicamente para o dia seguinte, lembra-se de um sonho que teve na noite anterior. A analista diz que se interessava pelos sonhos. Ele inicia um entusiasmado relato e quer saber o que é e o que faz um psicanalista. Com essa oferta, o que seria uma sentença judicial se transforma em um tratamento possível pela via da palavra.

A intervenção contundente, sustentada pelo desejo do analista, operou como uma resposta ao gozo fora do bem e do senso comum. Frente à contingência, a analista utiliza o olhar e a voz para lançar a palavra que deslocou o salto para fora ao salto para dentro de uma nova experiência, “o que estabelece a homogeneidade entre o desejo do analista e o real é o fato de que o analista anula e dissipa as molas imaginárias do

¹⁶ Lacan, J., *O seminário, livro 15, op. cit.*, aula de 10 de janeiro de 1968.

ego”¹⁷, abrindo a via para onde está o sujeito. O que permitiu à analista sustentar essa operação? Certamente, o que antecede o encontro: sua posição analisante.

O que mais, senão a própria análise, permite a um analista não se deixar seduzir pela boa forma do sentido comum para presentificar, com seu ato, os acidentes que deixam traços e desacomodar a repetição? Essa é outra maneira de formular a pergunta sobre o que é um analista na clínica do *sinthoma*. Considerando que a política do *sinthoma* é a política da contingência, o analista é aquele que percebeu seu modo de gozar em sua contingência, absolutamente singular, que percebeu o sem sentido de seu gozo e que, a partir daí, pode se lançar no desafio de forjar, no acontecimento, um saber à altura da contingência. Nunca sabemos, de antemão, quando o analisante fará o ato no qual tropeça. Por isso, nos vemos conduzidos “dos esplendores da necessidade narrativa à humilde contingência”¹⁸.

A surpresa do ato no momento do encontro, do ato que incide sobre o verbo para desmascarar o gozo foi o que procuramos localizar nas duas vinhetas. O analista como presença, ocasião para a contingência, fazendo do encontro uma porta aberta, incomparável a tantas outras que lhe dão passagem ao longo da vida.

Revisão: Diego Cervelin
Luis Francisco Camargo (EBP/AMP)

¹⁷ Cottet, S., *Freud e o desejo do psicanalista*, op. cit., p. 68.

¹⁸ Miller, J.-A., *Sutilezas analíticas*, op. cit., p. 142. Tradução nossa.